

Cecília Polacow Herzog

Infraestrutura Verde e Resiliência no Paisagismo



É paisagista ecológica, especialista em Preservação Ambiental das Cidades e mestre em Urbanismo, pelo PROURB-FAU-UFRJ. Diretora da organização sem fins lucrativos Inverde - Sustentabilidade Urbana e Infraestrutura Verde e Conselheira da OSCIP Associação dos Amigos do Parque Nacional da Tijuca, Rio de Janeiro. Pesquisa sobre infraestrutura verde urbana, sustentabilidade e resiliência das cidades nas diversas escalas, no Brasil e exterior.

ceciliapherzog@gmail.com

“- O Rio tem um potencial incrível para se desenvolver uma infraestrutura verde. Tem os maciços florestados, quer dizer com fragmentos importantes de Mata Atlântica, que devem ser conservados. A biodiversidade é extraordinária. A sua paisagem é o grande ativo, e em minha visão deveria ser o foco principal de um planejamento que não só conservasse, mas recuperasse o que for possível de seus ecossistemas naturais. Com isso, o Rio teria o potencial de ser a primeira “Cidade Verde” do Brasil, ou melhor, da América Latina (...).”

A Revista LABVERDE entrevistou Cecília Herzog logo após sua palestra sobre “Infraestrutura Verde e Resiliência”, junto aos alunos da disciplina “Projeto Sustentável”, na FAU - Vila Penteado, no início de outubro de 2010. Seu entusiasmo pelo tema “contagou” os alunos e motivou os pesquisadores do LABVERDE ali presentes.

1-) Conte-nos um pouco de sua formação como paisagista e sobre as referências que considera fundamentais para essa formação.

- Acho que tive muita sorte por começar meu caminho estudando com Fernando Chacel. O curso de paisagismo em nível superior tinha o objetivo de formar profissionais que aprendessem a trabalhar com a paisagem em todas as escalas. Na primeira aula Chacel abriu uma planta topográfica de uma bacia hidrográfica e começou a explicar os caminhos da águas, as declividades e os fatores que deveríamos aprender a analisar para fazer um diagnóstico a fim de intervir na paisagem, tirando partido de suas condicionantes geobiofísicas e culturais. Quando terminei o curso, fui a São Paulo fazer um módulo com quatro disciplinas de um curso de pós-graduação promovido pela FAU-USP, IFLA, FUPAM e UNESCO. Foi quando decidi fazer mestrado para aprofundar o conhecimento, e acabei cursando Urbanismo no PROURB-UFRJ. Fiz uma proposta de para uma infraestrutura verde para o sistema hidrográfico de Guaratiba no Rio de Janeiro. Terminei em final de 2009. A partir de 2005 procurei ir a todos os seminários, congressos e conferências, no Brasil e exterior, que tivessem um enfoque multidisciplinar. Esse ano eu fui convidada a apresentar dois trabalhos no Japão, na conferência URBIO2010, de biodiversidade urbana e projeto, e um em Bonn, no 1º. Congresso de Resiliência Urbana, promovido pelo ICLEI. Agora estou a caminho de Estocolmo para mais dois seminários sobre biodiversidade e águas nas cidades. Acho que minha formação tem sido calcada em vários campos do conhecimento, e de várias formas. Hoje tenho uma biblioteca considerável sobre temas que impactam não apenas na sustentabilidade e resiliência urbana, mas na história ambiental, das cidades e do planeta.

2-) Como você enquadraria a atividade de paisagista neste momento no Brasil? E no resto do mundo?

- Na verdade, acho que na maioria das vezes o entendimento da profissão de paisagista é como se fosse um decorador de exterior. O paisagista ou arquiteto paisagista não é reconhecido como o profissional habilitado a planejar e projetar a paisagem, o espaço externo. Basta ter “bom gosto” conhecer vegetação, fazer uns cursos rápidos que já pode ser considerado paisagista. Nos Estados Unidos, por exemplo, a profissão existe desde o início do curso em Harvard no começo do século XX, há mais de 100 anos. As pesquisas na áreas relacionadas à paisagem estão muito evoluídas, a maior parte das publicações são de lá, ou traduzidas para inglês. Apesar dos pioneiros terem ido à Inglaterra aprender e ver como era feito no Velho Mundo. Em muitos países se leva a sério a base teórica, o conhecimento científico, os experimentos para poder estabelecer parâmetros de intervenção sustentável na paisagem, não perdendo o enfoque estético e cultural.

3-) Que autores e/ou projetos você considera, hoje, vanguarda em paisagismo?

- O primeiro que me vem à mente é Mark Benedict, que foi quem sistematizou o conhecimento sobre infraestrutura verde, em seu livro Green Infrastructure, de 2006. Mas, existem muitos outros, acabei de fazer um curso on-line na Universidade de Washington, justamente sobre infraestrutura verde, com Nate Cormier e Brice Maryman. Foi fundamental para me dar mais consistência nesse tema. No ano que vem quero ir conhecer o que estão fazendo na costa oeste americana. Quanto a projetos, também há inúmeros, mas quero destacar o que foi feito em Freiburg na Alemanha. Tinha ouvido e

lido muito sobre Vauban e Rieselfeld, mas quando cheguei lá achei que era muito mais do que energia solar e transporte coletivo eficaz. Tem um sistema de drenagem naturalizado, com todas as áreas externas multifuncionais que prestam serviços ecossistêmicos abióticos, bióticos e para as pessoas. As crianças, bem pequenas brincam sozinhas nas ruas, pois os carros praticamente não circulam. Todos andam de bicicletas, e o sistema de transportes multimodal é uma realidade, quase de sonho para uma brasileira. A qualidade de vida é impressionante.

4-) Fale-nos de sua visão sobre infraestrutura verde aplicada à cidade do Rio de Janeiro.

- O Rio tem um potencial incrível para se desenvolver uma infraestrutura verde. Tem os maciços florestados, quer dizer com fragmentos importantes de Mata Atlântica, que devem ser conservados. A biodiversidade é extraordinária. A sua paisagem é o grande ativo, e em minha visão deveria ser o foco principal de um planejamento que não só conservasse, mas recuperasse o que for possível de seus ecossistemas naturais. Com isso, o Rio teria o potencial de ser a primeira “Cidade Verde” do Brasil, ou melhor, da América Latina. Outras cidades, como Curitiba e São Paulo estão no caminho de valorização dos parques, mas ainda não falam em criar uma infraestrutura verde multifuncional. O Rio poderia ser pioneiro, com o patrimônio que já possui, seria bem mais viável com um excelente custo benefício. O seu desenvolvimento econômico poderia ser baseado em empresas “verdes”, de alta tecnologia, com investimentos em pesquisas nas áreas de energia, transportes, drenagem naturalizada, adaptação de cidades costeiras às mudanças climáticas e elevação do nível do mar. Seria fácil atrair empresas de ponta, uma vez que os funcionários buscam qualidade de vida, e no Rio seria mais fácil atrair esse contingente, que contagiaria toda a economia. O Rio de Janeiro está num lugar que deveria ter sido preservado como um patrimônio intocado, pelas suas características geobiofísicas. Agora, o que poderia ser feito seria a partir da concepção integrada de uma infraestrutura verde, procurar mimetizar a natureza em todos os novos empreendimentos, com legislação que privilegiasse a permeabilidade do solo e a vegetação nativa, com muita arborização urbana, não apenas em parques e praças, mas em ruas, quintais, tetos e jardins residenciais e coletivos.

5-) Qual o papel do governo na aplicação desse conceito? E o das Ongs?

Os tomadores de decisão deveriam buscar assessoramento de técnicos, profissionais e cientistas com visão contemporânea, ecológica. É preciso mudar o paradigma, sair do crescimento a qualquer custo baseado em veículos e expansão da urbanização, e entrar no desenvolvimento sustentável, planejar e projetar com o longo prazo em mente. Infelizmente, as administrações têm visão de seu mandato, os projetos têm que sair nesse período e agradar ao eleitorado com enfoque imediatista, sem medir as conseqüências futuras dos projetos e intervenções na paisagem. Sai mais barato fazer direito na primeira vez, e não agir em momentos de crise, ou ficar enxugando gelo. Em vez de dragar rio s lagoas, deveriam eliminar a fonte do problema que é a sedimentação. Aí é que entra a Inverde, que eu represento, que como outras ONGs, tem uma visão de longo prazo da cidade. Procuramos educar e conscientizar diversos segmentos da população com relação aos problemas e possíveis soluções para as questões urbanas. Uma vez que não temos compromissos partidários, nem interesses pessoais, ficamos livres para propor, colaborar e questionar o que está sendo feito. Temos tido um retorno muito positivo, que foi até surpreendente. Penso que as pessoas querem participar para viver melhor, em cidades mais humanas, com a natureza em seu bairro, sua rua.

6-) Que relações você vê entre infraestrutura verde e resiliência?

- Primeiro acho que é preciso explicar o que é resiliência. Fica fácil se a gente pensar que é o contrário de ser vulnerável, como diz a Ana Cecilia da Inverde. A resiliência urbana é construída de modo a que a cidade possa vir a sofrer impactos e possa resistir e se regenerar com rapidez. Por exemplo, quando a energia é solar gerada nos tetos, ou em estações próximas, não haverá black-out, se cair raios na rede de transmissão, o que ocorre com frequência atualmente. Se faltar combustível fóssil, ciclovias e vlt's elétricos irão evitar a paralisação da cidade. Se houver um rompimento na rede de águas ou esgotos, e a fonte for próxima, com alternativas como: captação de águas das chuvas e tratamento local, biodigestor os problemas poderão ser evitados. Uma das maiores preocupações atualmente é com a segurança alimentar, por isso inúmeras cidades promovem agricultura urbana em diversas escalas dentro da área urbanizada ou em sua periferia imediata. A infraestrutura verde justamente é uma rede multifuncional, que planeja no longo prazo a incorporação dessas questões, além da drenagem naturalizada, que irá aumentar a resiliência às inundações. Irá também evitar deslizamentos, na medida em que é preciso fazer levantamentos detalhados e evitar a ocupação de áreas inadequadas, com a revegetação de encostas. A infraestrutura verde analisa 6 fatores que interagem na cidade: geológico, hidrológico, biológico, social, circulatório e metabólico (entradas e saídas de energia e matéria). É preciso conhecer os fluxos e levá-los em conta ao planejar e projetar. O conhecimento multidisciplinar é fundamental, a visão sistêmica integrada e holística é possibilitam a adaptação de cidades para que se tornem resilientes aos impactos de tempestades, e outras ocorrências que se tornarão cada vez mais fortes e frequentes. Além de se preparar para enfrentar a subida do nível do mar.

7-) Você acha possível aplicarmos esses conceitos nos planos diretores?

- Claro, porém é necessário que haja uma compreensão dessas questões pela população e pelos tomadores de decisão. A participação de uma população educada e aculturada é fundamental para a construção da resiliência. Para ser sustentável e resiliente é preciso que as ações partam de baixo para cima. Quem decide precisa conhecer quem vai viver e usufruir do local. Os interesses coletivos precisam ser prioritários. Infelizmente, as decisões ainda são tomadas na maior parte das vezes a portas fechadas, sem participação efetiva de todos os atores do processo e dos moradores da cidade. Os planos diretores devem ser para longo prazo, e não privilegiar projetos imediatos com interesses particulares. Assim seria possível planejar uma infraestrutura verde que viesse amenizar a infraestrutura cinza tradicional, com superfícies impermeabilizadas, ocupações de áreas úmidas que deveriam ser preservadas, espaços e vias monofuncionais, que interrompem os fluxos abióticos, bióticos e das pessoas, que causam ilhas de calor, que eliminam a biodiversidade que presta serviços ecológicos insubstituíveis.

8-) E na escala nacional, como você vê o planejamento ambiental?

- Eu não posso falar da escala nacional pois nunca me aprofundi no tema, mas acho que o Estado de São Paulo fez um Atlas de Biodiversidade exemplar. É o que deveria ter no país todo, pois só se preserva e conserva o que se conhece. Para poder proteger é preciso saber como fazer, onde estão os corredores e as áreas core, como conectar esses fragmentos, que espécies irão circular, como conciliar com os usos e interesses humanos. O Brasil possui a maior biodiversidade do planeta e o dia que realmente valorizar, verá que vale mais do que petróleo. O petróleo tem tempo para terminar, a biodiversidade não. Dela dependemos para viver, pois fazemos parte dessa maravilhosa e complexa rede de vida.